

Lo Mejor del Fitz

Relato da Temporada Marumbina na Patagônia 2008, por NativO!

Foi muito proveitosa a viagem! Saímos de Curitiba (Eu, minha companheira Simone, Camarão, vulgo Anderson Bulgakov e sua companheira Elisa Costa), dia 23 de Dezembro de 2007. Nossa nave uma Toyota Bandeirantes, batizada de Papa-Léguas, já era a sétima vez que estava indo para os andes.

Dormindo num posto de Gasolina no Rio Grande do Sul e noutro na província de Entre Rios, no dia 25 chegamos em Los Gigantes, próximo a Córdoba, onde entre uma chuva e outra, escalamos algumas vias no Cerro de La Cruz e outras torres de granito da região.

Batizamos esta primeira etapa da expedição de Pelos Anders, em homenagem ao casal Ander e Elisa que não deixavam de sorrir com o visual da maravilhosa cordilheira dos Andes.

De Los Gigantes, seguimos uma rota por cima da serra, passando por Vila Dolores e fomos para Mendoza, fazer a cabeça no Cerro Plata, região de Vallecitos, fomos (eu e Simone) até 4.500 msnm, o Camarão e Elisa, mais empolgados com a altitude foram até o cume, 6.200 msnm. Nós precisávamos mais alguns dias, mas estávamos com vontade de chegar logo em Bariloche e escalar rocha. Enjoamos de tanta gente, cavalos, lixo, cocô, papel higiênico voando, e tudo mais que as altas montanhas próximas ao Aconcágua oferecem. A idéia era a Simone conhecer a altitude, conheceu e não gostou.



Do Cerro Plata, passamos por San Rafael onde dormimos em um camping, em direção ao sul pela rota 40, fomos para Junin tentar o Vulcão Lanin, pegamos uma baita chuva, mais um dia passando por San Martin de Los Andes e Vale Encantado, finalmente chegamos em Bariloche, dia 10 de janeiro. Arrumamos as mochilas, compramos os mantimentos que faltavam e fomos para as agulhas de Cerro Catedral e aí sim começou a diversão.

Muitos dias de tempo bom, foi a melhor temporada de todos os tempos. Tivemos que escalar todos os dias, em alguns dias fazíamos 2 cumes, outros 3 e chegamos a fazer 4 cumes num dia. Claro que levantando bem cedo e voltando bem tarde e com o pensamento no objetivo da viagem que era tentar o Fitz pelo Pilar do Casarotto. Desde que o Bonga (vulgo Marcelo Santos), me convidou no início de 2007, já disse que só iria se fosse para o Pilar.

Acabou a primeira reserva de comida, baixamos a Bariloche buscar mais, voltamos a escalar, Camarão e Elisa foram para o Tronador. Escalamos com Tiaraju Fialho, que junto com Alexandra estavam extasiados com a primeira temporada na Patagônia, e com Sassá, vulgo Alexandre Lorenzetto.

Dia 4 de fevereiro fizemos uma troca de casais, agora com o Bonga e a Gabi, seguimos rumo ao sul em direção a Chalten, com o pensamento fixo no Pilar, daqui para frente batizamos a expedição de os Escalafáticos.

Chegando em Chalten nos instalamos no acampamento Madsen, nos atualizamos das novidades com os amigos que já estavam por ali e fomos conversar com Rolando Gariboti (o Rolo), o qual já conhecia de outras temporadas. Nada melhor que saber dos locais como andam as coisas. Ele havia descido do cume do Fitz na noite anterior e fizeram o que chamaram de La Espiral do Fitz. Entrando pelo vale do Cerro Torre, subiram filo do Ombre Sentado e culminaram pela Afanascief.

Era o último dia de uma janela de bom tempo de 9 dias, entre um mate e outro, comentamos das nossas intenções, mas ele nos convenceu a entrar no Pilar pela face oeste, por conta da pouca neve e pedras soltas que predominavam nas faces leste. Disse que tinha aberto uma via nova, no dia 15 de janeiro, juntamente com Poroto (Been), e que segundo eles era "lo mejor del Fitz", puras fissuras, tudo limpo nada fixo na parede e o crux de 6b (francês), batizaram de Mate, Porro e Todo lo Demas. Vendo as fotos descobrimos que era isso mesmo que queríamos, apesar do mau tempo e sem previsões de melhora, fizemos nossa estratégia e fomos arrumar as mochilas, com o mínimo de equipamento e comida para 6 dias, o plano era tentar no melhor estilo alpino-patagônico, Chalten Chalten.



Esperamos por 12 dias, fazendo boulder, pescando truta, andando de slak-line, assistindo as seções de filme que todos os dias acontecem às 15 h na administração do parque, comendo facturas e aumentando as reservas de energia. Quando a previsão melhorou, ou melhor, a previsão é de que ia melhorar, partimos com tempo ruim mesmo. Subindo pela margem do Rio Elétrico, pela trilha que leva à estância Piedra del Fraile. No primeiro dia chegamos a um bivaque nas pedras, pouco antes da Piedra Negra, que leva ao Passo do Quadrado.



No segundo dia de investida, estávamos desanimados pelos ventos e o mau tempo que não acalmava, quando no meio do *pesto*, olhando para as paredes, já havíamos decidido entrar na Guillaumet, só para ver se conseguiríamos escalar com aquele vento, aparece o Rolo e o Colin, mesmo companheiro com o qual haviam escalado juntos o grande tour do Torre, que a nível mundial talvez tenha sido o feito mais importante nesta temporada. Escalaram a Punta Standhard, Punta Herron, Punta Eger e o Torre em 72 horas e dias depois fizeram La Espiral do Fitz. Agora os planos

eram entrar na Guillaumet, depois Mermoz, ValdeBois, Pilar e Fitz. Rolo disse com toda convicção que, seguro que o tempo iria melhorar e nos convenceu a retomar nosso plano. Combinamos de nos encontrarmos no colo entre o Pilar e o Fitz ou na terraça que havia no trecho final do pilar.

Decisão tomada, levamos cerca de 4 horas seguindo pelo Passo do Quadrado, cruzando as rampas de rocha e o Glaciar bem complicado nas encostas da Guillaumet e Mermoz. Chegamos à base, onde após um tempo de procura por um local plano, montamos um bivaque que batizamos de Base de Lançamento.

Seguindo as dicas do Rolo, programamos o despertador às 5h, para subir os 500 metros de desnível de gelo (+ ou - 700 de escalada, tuc tuc tuc, segundo ele), para chegar à base tipo 8h e começar a escalar. Com o vento que não parou, a cada rajada parecia que um jato estava decolando e estávamos bem na cabeceira da pista. Outros "jatos" escutávamos de longe, vinham e aterrizavam, nos sacudindo.

Não escutamos o despertador, o primeiro diálogo do dia foi o Bonga perguntando: Que horas são? Respondi: Não sei, o relógio ta aí fora. Bonga retruca: Isso é reposta? Saímos dos sacos de bivaque às 8h, meio desanimados e pensamos, bem já que estamos, vamos tentar ver até onde dá, qualquer coisa descemos.

Após comer e beber algo, saímos às 10h da base de lançamento, depois de muito tuc tuc, às 14 h estávamos na base da parede, percebemos que os tempos e os tucs do Rolo eram

bem diferentes dos nossos. A tática era cada um guiar 05 enfiadas, o primeiro iria guiando, fixando a corda e o segundo só no julmar.

Deixamos uma piqueta e um par de crampom na base da primeira enfiada. Levamos apenas a piqueta com marreta, para rebater os grampos de fenda na descida e o par de crampom de alumínio. Nos nossos cálculos de enfiadas, cairia para o Bonga justamente o trecho final de misto para chegar ao cume do Fitz e eu, sem crampom e sem piqueta, subiria pela corda fixa.

Bonga inicia na frente e após as primeiras 05 enfiadas, percebemos que estava ficando tarde. Fazer a troca do guia, colocar sapatilha e tudo mais ia demorar, por isso seguimos assim para tentar chegar na tal terraça, onde daria para bivacar. Bonga guiou mais umas 03 enfiadas, nos perdemos nas contas. Ao escurecer chegamos num platô bem abaixo da terraça, bem na base do crux.

Resolvemos bivacar ali mesmo antes que escurecesse e por sorte conseguimos descansar, deu até pra dormir um pouco, talvez pelo cansaço.

Noutro dia nem bem clareou, já estávamos derretendo neve. Fizemos água, bebemos e comemos algo e fui em livre, até onde deu, mãos frias e com pouca sensibilidade, fiz no melhor estilo livre, livre de se agarrar no que puder.

Foram mais umas 06 cordadas pra chegar na tal terraça, como no primeiro dia só o Bonga tinha se divertido, pois sobra pro segundo “jumarear” com a mochila mais pesada, continuei guiando. Mais umas 06 enfiadas e chegamos no cume do Pilar, já precisando de lanternas, o vento uivando. Tínhamos que fazer 02 rapeis no escuro para chegar no colo, por sorte uma luz nos guiou para o outro lado e exatamente na ponta norte do cume tinha um platô de 2 por 3, que com um bom trabalho com a piqueta, retiramos o gelo, armamos um varal pra ficar tudo auto-assegurado, estendemos as cordas tipo tapete, isolantes, derretemos mais neve para fazer água, comemos algo e entramos nos sacos de bivaque com toda a roupa que tínhamos e sem tirar as botas.



Apreciar as luzes de Chalten era emocionante, não consegui dormir, pela alegria de estar ali onde estávamos, vento forte sacudindo a gente, o friozinho na barriga aumentando, decidimos que se o dia amanhecesse bom iríamos fazer as 04 últimas cordadas e ir até o cume do Fitz.

Amanheceu cabuloso, um teto alto de cirrus e “naves mães”, cumulos cobrindo o glaciér formando um mar de nuvens. Nuvens se formando nas costas do Fitz e passando em alta velocidade abaixo da gente. Decidimos descer o quanto antes, já imaginando o perrengue para rapelar a via do Casarotto, que descobrimos se chamar Pilar Goretta, homenagem que fez à sua esposa, que ficou 10 dias na base enquanto ele abria a via em solitário.

Derretemos gelo, comemos algo mesmo sem fome, começamos a descer. Após 02 rapeis ficamos protegidos do vento, na metade da parede o vento diminuiu e as nuvens foram se dissipando, abriu céu azul, apesar do vento, aí lembramos dos nossos planos, foi o que desejamos, descer com bom tempo.

Depois de rapelar o dia inteiro, passando pelo famoso bloco *empotrado*, (entalado), onde inicia a parte de rocha da via do Casarotto, onde ele armou um bivaque para ele e a Goretta, no fim do dia estávamos na base de lançamento, com mais equipamento do que subimos. Fizemos uma boa limpeza e aumentamos nosso *rack*, felizes da vida pelo que

háviamos realizado. Aí sim comemoramos com abraços e choros. No cume foi só um aperto de mão e um valeu do tipo: vamos se proteger.

Mais uma noite no bivaque da base de lançamento, nesta noite os jatos diminuíram e saímos noutra dia bem cedo, após comer o restante de polenta que sobrou, misturado com o resto de granola, mais o resto de farelo de bolacha. Queríamos cruzar o glaciar o mais cedo possível, mais consistente.

Mais ou menos às 15h estávamos no carro (perdemos o relógio) e às 16h estávamos em Chalten, onde nossas donzelas, a quem dedicamos a escalada, nos esperavam com uma super refeição. Não tínhamos fome, engolíamos o choro de alegria, pois sabíamos que tínhamos feito algo GRANDE.



A primeira repetição da via mais moderna, mais limpa e mais linda de todo Chalten. Batizamos o bivaque do cume de "platô da Robertinha" pelo espírito presente na escalada, cuidando da gente, desenroscando a corda no rapel, desviando as pedras que sempre caem na rampa de acesso à parede e pela sua motivação.

Comemorações à parte, fomos agradecer ao Rolo e ao Poroto pela via, pelas dicas e ver se ele reconhecia alguns dos equipamentos que retiramos da parede durante os rapéis.

Depois fomos passear, visitar o Glaciar Perito Moreno em Calafate, de lá fomos para Punta Arenas visitar os amigos, na volta passamos pela península Valdez ver os Pingüins, Lobos e Elefantes marinhos e 03 dias depois estávamos em casa, cansados e muuuuito felizes.

Táticas empregadas para subir rápido: Menos é mais, na dúvida toca pra cima e se ficar difícil sobe os pés. O primeiro sobe com mochila leve, fixa a corda; o segundo "jumareia" com a mochila pesada.

Equipamento utilizado:

- Mochila Equinox Kihú 40L;
- 01 Bastão de caminhada cada um;
- 01 piqueta cada um, 01 com marreta outro com pá;
- Par de Crampons, 01 de aço outro de alumínio;
- Bota SNAKE Coroá para crampons
- Sapatilha SNAKE invernal, protótipo;
- Roupas: Calça, blusa e toca (balaclava) de primeira pele;
Calça, Blusa e toca de Fleece;
Polar wind stoper;
Cobre calça impermeável;
Anoraque leve Quechua;
- Luvas: 01 de primeira pele, 01 fleece, 01 de polar 02 dedos com sobre removível, 01 impermeável;
- 01 saco de dormir de fleece, Nativo;
- 01 saco de dormir 5° ferrino, Bonga;
- 01 saco de bivaque para parede por cada;
- ½ isolante;
- Escalada: Cadeirinha Bod Harnes BD;
01 jogo stopers do 1 ao 8;
01 jogo micro friends - 03 peças;
02 jogos Camalots do 0,5 ao 3; mais 1 – 4; 1 - 4,5 e 1 – 5;
10 expressas curtas;
10 expressas longas 60cm;

03 fitas longas 120cm para paradas;
03 mosquetões com trava para paradas;

- 01 par de ascensores;
- 01 par de pedaleiras fabricadas no Madsen com o que tínhamos;
- 01 freio ATC para assegurar o guia e rapelar;
- 01 freio Gigi para assegurar de cima e rapelar;
- 01 elo de cordelete de rapel com mosquetão simples key lock, por cada;
- 01 elo de cordelete de 60cm para emergências, por cada;
- 03 elos de cordeletes de 60cm para abandono;
- 02 hexentrics n° 8 para abandono;
- 01 Saco de magnésio;
- 01 corda 1, 60m;
- 01 corda ½ 60m.

Diversos: Toldinho leve de 2/2,40m;
02 cantis nalgene;
01 cantil de pet 500 ml;
02 canecas térmicas com tampa;
02 colheres plásticas;
02 lanternas tica plus com pilha reserva;
01 micro canivete para cortar cordeletes abandonados;
01 fogareiro portátil focus;
01 carga de gás 200g;
01 panela de inox 1L com tampa.

Alimentação: 02 sanduíches - pão com queijo e tomate seco;
500g de polenta;
06 barras de chocolate;
04 pacotes 200g macarrão instantâneo;
04 sopas instantâneas;
04 sucos;
02 latas de atum;
200g de azeitonas;
01 pacote de bolacha salgada;
01 pacote de bolacha doce;
200g de uva passa;
300g de castanhas;
06 doces de amendoim;
300g de granola;
200g de preparado de leite e chocolate em pó.

Levamos e não usamos: 03 grampos de gelo;
Luvinha de esparadrapo;
01 saco de magnésio.

Agradecimentos: à By pelas roupas, Equinox pelas mochilas, Snake pelas botas e sapatilhas, ao Rolo e Poroto pelas dicas, ao Ricardo Schen que emprestou o Camalot 4,5, ao Marius Bagnati que emprestou o Camalot 5, às meninas que fizeram os sanduíches e ficaram na assistência técnica.